

<< [VOLTAR](#) [POLÊMICA IMAGEM](#) [POLÊMICA](#) [CONTATO](#)



Montagem com foto de Yves Klein

#### PERFORMANCE E SOCIEDADE: PERCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS

**TANIA ALICE** é performer, dramaturga e poeta. Publicou *Blue note insonia* (poesia), quatro livros infantis e vários artigos em jornais e na Internet. Foi tradutora e jornalista cultural. Escreveu e dirigiu *Um breve retrato da dor* (dá pra sentir), *SerOuNãoSer.com* (junto com Aldo Marcozzi) e dirigiu *Phaedra's Love* de Sarah Kane junto com Gilson Motta (Prêmio MEC/SesU). Francesa, reside no Brasil há seis anos e atua como professora adjunta de Teoria e Dramaturgia na Escola de Teatro da UNIRIO/RJ.

157

**Resumo:** O artigo trata de percepções acerca do universo da Performance Art nos anos de 1950-80 e na Contemporaneidade, tecendo um diálogo entre a sociedade e as manifestações artísticas a partir de noções como violência, horizontalidade, ordem, medo, engajamento, perigo e ironia. Nesta aproximação entre arte e vida se propõe uma reflexão sobre arte e mercado, sociedade e espetáculo a partir dos trabalhos de artistas como Chris Burden, Sophie Calle, Yves Klein, Marina Abramovic, Pollock e Pierrick Sorin.

**Palavras-chave:** performance, sociedade, arte contemporânea.

#### PERFORMANCE ART AND SOCIETY: CONTEMPORARY PERCEPTIONS

**Abstract:** The article discusses the perceptions about the universe of the Performance Art of the years 1950-80 and in the Contemporaneity, forming a dialogue between society and artistic manifestations using notions such as violence, horizontality, order, fear, engagement, danger and irony. In this approach between art and life a reflection is proposed about art and market, society and events based on the works of artists like Chris Burden, Sophie Calle, Yves Klein, Marina Abramovic, Pollock and Pierrick Sorin

**Keywords:** performance, society, contemporary art.

158

#### \_shoot\_

Percepções? 1971. Chris Burden está diante uma parede branca. Quinze metros em frente a ele, um amigo aponta uma carabina, atira no braço dele. O vermelho-sangue se mistura ao branco da pele do performer. Espanto. Realidade. Arte-vida. Desvelam-se os funcionamentos das ditaduras, sim, e da sociedade humana como um todo. Shoot acontece dentro de uma Galeria de Arte, a alguns metros de Hollywood, onde a ficção distancia diariamente a humanidade da vida, fingindo aproximar. Onde andaré Guy Debord?

2009. No caderno de criação - prática instaurada durante as aulas de Análise do Texto Teatral que ministro na Unirio -, uma aluna escreve: "Dar um tiro no braço não está nem perto de ser arte. Ao contrário, trata-se de mais um dentre tantos que querem ser questionadores, intransigentes, pelo simples fato de transgredir. Uma atitude dessas sem propósito não deveria ser enquadrada como arte".

Penso sobre a simplificação do pensamento, sobre a desvalorização institucionalizada da transgressão, da reação, do questionamento, sobre o lugar do intelectual, do artista. Penso sobre o pré-conceito, sobre a (im)possível libertação do condicionamento da mídia nos universos da arte e da pesquisa.

Nosso mundo estaria ficando sempre mais careta, liso, policiado?

Continuo folheando os cadernos.

Era uma exceção.

Talvez a Universidade seja um dos únicos lugares de resistência dentro da massificação do pensamento crescente.

#### \_chão\_

Anos 80. Chris Burden se deita no chão de uma exposição e permanece deitado. Duas semanas, até que um visitante pergunta a ele se é possível ajudá-lo, se ele não quer levantar. Chris Burden levanta e vai embora, satisfeito. Alguém se interessou por ele, ...

159

... quebrou a barreira. Houve contato, inscrição do projeto na realidade do contato. Universos em confronto suave.

2009. Estação carioca. Corpos e corpos amontoados no chão. Crianças, casais, idosos. Bem mais do que duas semanas passam e ninguém pergunte a eles se é possível ajudá-los, se eles não querem levantar. Acumulam-se corpos, escondendo suas breves e curtas aproximações debaixo de cobertores rasgados, no meio de sacolas plásticas cheias de objetos achados, precários e provisórios tesouros, e comidas resgatadas das lixeiras.

A indiferença, movida pelo medo, é mais do que uma percepção.

#### \_ordem\_

Tudo precisa ter o seu lugar.

Tudo precisa ter sua gaveta. Seu conceito, seu pós-conceito, seu pré-conceito. Sua época. Sua ordem. Seu tempo. Seu campo de atuação. Indefinição assusta. O suor do racionalismo cartesiano escorre pelos nossos poros assustados com a dissolução dos conceitos, antes tão rígidos.

Performance: lugar da raridade das definições. Definição em perpétua mutação, moldável em termos

de extensão pelos artistas. Busca de fontes, ultrapassando fronteiras e tabus. Material infinito de exploração do íntimo, do ritual, do corpo, da dança, da imagem. Campo de abertura aos campos de investigação sociológicos, econômicos, psicológicos, ambientais. Por que essa necessidade de certezas? Até isso, precisamos saber.

#### \_perigo\_

27 de novembro de 1960. Yves Klein realiza o célebre Saut dans le vide. Fotomontagem: no chão, substituído pela rua na foto, havia um colchão. A ficção que está por trás importa pouco. Penso na significação deste pulo no vazio, materializado na falsa edição do Journal de Dimanche, inteiramente dedicada à exploração do vazio do ...

160

... artista, proposto na exposição intitulada Le vide. A força individual autônoma conduz o artista a se lançar neste desconhecido, a tela sem pintura, o espaço sem poesia, a peça sem palavras. 2009. Vamos admitir. Consigo recompor a linguagem esteticamente simplificada de um projeto de lei de incentivo; consigo aprovação federal, estadual ou municipal; consigo um captador; consigo separar um dinheiro para que o captador se interesse pelo meu projeto; vamos admitir que em tempos de crise, eu consiga captar; capto; faço orçamentos, compro, vendo, pago; consigo anúncios comerciais para divulgar meu "produto"; consigo público, compro crítica antiquada, tento "bombardar", ter nome, dinheiro, sucesso, poder. Assimilo cegamente estes valores. Vejo colchões. O vazio deixou de existir. Nada que um discurso crítico não justifique e/ou legitime.

#### \_medo\_

Anos 80. Marina Abramovic, performer iugoslava, enrola cobras em volta de sua cabeça. "Ficar de olho no perigo é se manter no centro do instante presente". Em Nápoles, a performer fica rodeada de vários instrumentos, como um revólver, com um cartaz indicando "Façam comigo o que quiserem". Inocência massacrada. Ifigênia. A roupa da performer é rasgada, Marina Abramovic ferida, um transeunte aponta um revólver na cabeça dela. A performance é interrompida. O espaço de Dante era infinito. O ciberespaço é esse lugar dos novos Deuses, essa "arena utópica de igualdade, amizade, poder", a "exaltação incorpórea" onde as diferenças são abolidas. Um espaço em propagação infinita, como diz Margareth Wertheim, onde céu e inferno são separados por um clique. O espaço virtual é perigoso. O atual também. Segurança. A palavra chave. O uso político do medo e sua instrumentalização pelo poder público - característicos das ditaduras - é veiculado pela mídia. Airbus 330, gripe suína.

161

Sensacionalismo.

Medo. Protecionismo.

Atrás das grades e das câmeras, protegidos por vigias, vivemos de olho em alguma arma que poderia se aproximar e ameaçar a pacífica tranquilidade de quem fecha as cortinas da janela que abre para a rua.

#### \_engajamento\_

Desde os anos 60, performances velozes, lentas, em todos os continentes, testemunham a necessidade reiterada de impregnar uma consciência política nos acontecimentos. Número em expansão de criadores à margem do mercado. Em 1960, Manzoni chegou a comercializar seus excrementos.

Baudrillard, Complô da Arte, 1996: "A arte contemporânea reivindica sua nulidade, sua insignificância, sua falta de sentido - ela almeja a nulidade enquanto ela já é nula. Ela quer ser sem sentido e já é insignificante. Pretende ser superficial em termos superficiais".

Considerações de Baudrillard, discurso sobre o esvaziamento das relações humanas e as relações "líquidas" de Bauman, pensamento de Lipovetsky sobre o efêmero e a era do vazio: idéias que acabam criando, conceituando o vazio como uma evidência contra a qual não se pode mais lutar. Como se organizações paralelas, pensamentos alternativos, redes, deixassem de existir. Não há hoosseek, só há google. As invasões bárbaras podem ser diferentes do que pensamos.

#### \_intimidade\_

1950, Jackson Pollock mergulha suor e pintura no Action Painting : corpo, tela, cor, expressão. A experiência real, íntima, ressoa na matéria da cor.

Nunca se escreveu tanta poesia, nunca se leu tão pouca poesia. Penso nos encontros de poetas, onde cada um folheia, nervoso, seu poema e pensa no "seu" momento de espaço-tempo tão restrito em que poderá partilhar o que lhe é essencial, enquanto o outro lê.

162

Não ouvimos.

Obscenidade e prostituição nos espaços do sagrado.

O íntimo se torna universal. Journiac recriando o dia a dia de uma mulher dentro de casa. Annette Messenger questionando o universo masculino/feminino a partir de experiências íntimas e de aproximações masculinas. Relatos íntimos de dor de Sophie Calle se misturam com as dores do mundo. Cirurgias de Orlan se confundem com as cirurgias estéticas gerais exigidas pelo mercado de consumo da beleza, veiculado pelas revistas femininas e suas equipes jornalísticas compostas por homens.

A terra no fundo do túmulo é a mesma para todos.

#### \_ironia\_

2009. Pierrick Sorin. Auto-ironia de um vídeo que retrata oito artistas fictícios europeus. Projeções irônicas dele mesmo, virtualidades e possibilidades da arte. Projetos que não existem, projetos além das fronteiras nacionais, diluindo identidades, mesclando fluxos, misturando tendências. Não há mais identidade.

Pesquisamos conexões. As entrelinhas do passado nas emergências do presente. O que o passado sacrifica para o presente. O que nunca sacrificaríamos, mas já foi imolado há muito tempo. O canto do bode que se extinguiu nos limbos do tempo, nos meandros da produção artística industrial.

Artistas, pesquisadores. Neste cotidiano brasileiro de 2009, o sistema como um todo conseguiu convencer-nos de que há outras urgências do que a cultura, a educação, a arte. Como se tivéssemos

criado estas urgências, pagamos por elas.  
E assim, somos catalogados anacrônicos, dominados pelas corporações anônimas.  
“Todo mundo conhece a utilidade do útil, mas poucas pessoas conhecem a profunda utilidade do inútil”.  
Percepções.

163

#### BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido - sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Mal-Estar da Pós-Modernidade. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUDRILLARD, Le Complot de L'Art. Paris: Broché, 2006.

CRÉPON, Marc. La Culture de la Peur - Démocratie, identité, sécurité. Paris : Galilée, 2008.

DEBORD, Guy. La société du spectacle. Paris: Folio Essais, 1967.

FEIX, Tania Alice. L'inscription du féminin/masculin dans la création contemporaine. Tese de Doutorado. Université d'Aix-Marseille I, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio - ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Miguel Serras Pereira e de Ana Luísa Faria. São Paulo: Manole, 2006.

WERTHEIM, Margaret. Uma história do espaço de Dante à Internet. Trad. Maria Luíza de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

